MARIA DULCE CHACON DE ALBUQUERQUE: A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA E ESCRITORA

Anderson Glaydson Rocha Silva
(Graduando em História – UNICAP)[1]
anderson.glaydsonrs@gmail.com

Prof. Dr. Walter Valdevino do Amaral
(Docente do Curso de História – UNICAP)
walterdoc@gmail.com

Resumo: As mudanças ocorridas no campo biográfico e na história das mulheres nos trazem a tona a possibilidade de conhecer e compreender novas personagens. Pensando nisso, o objetivo deste trabalho é biografar a trajetória de Maria Dulce Chacon de Albuquerque, nascida no Recife em 8 de janeiro de 1906, foi uma professora, escritora, psicopedagoga e jornalista. Estudou em diversas instituições entre elas a Escola Normal de Pernambuco, a Academia de Comércio de Pernambuco e a Faculdade Frassinetti do Recife. Católica fervorosa, sempre teve de lidar com um mundo machista, do qual tinha plena consciência de seu papel nele, e ao contrário de sua amiga Edwiges de Sá Pereira nunca se considerou feminista. Destacou-se como professora e com obras premiadas voltadas a temática da educação. Em 24 de novembro de 1959 foi eleita para a cadeira nº 7 da Academia Pernambucana de Letras, tomando posse no ano seguinte. Como aportes teóricos, utilizamos a perspectiva da história das mulheres proposta por Joan Scott e os estudos sobre biografias empreendidos por Benito Bisso Schmidt.

Palavras-chave: Relações de gênero. Biografia. Intelectuais.

[1] Bolsista PIBIC/UNICAP.

Introdução

Nosso trabalho busca biografar e entender a trajetória de Maria Dulce Chacon de Albuquerque, educadora e a segunda mulher a compor o quadro de membros efetivos da Academia Pernambucana de Letras, seguindo o exemplo de sua mestra Edwiges de Sá Pereira. Boa parte de sua vida foi dedicada ao ensino das crianças, entendê-las, como demonstrou sua atuação profissional, característica que se refletiu em suas obras.

Procuramos evidenciar os diversos traços de Dulce Chacon, suas atuações em diferentes âmbitos, cada um em seu devido ponto, mas sem pretensão de isolá-los, tentando assim, esclarecer quando um acontecimento é paralelo ao outro. Trazemos desde a infância dessa personagem, os acontecimentos que marcaram sua vida pessoal e profissional, passando pela fase estudantil, juventude até a adulta.

A mulher biografada

O gênero biográfico é um daqueles gêneros da leitura que raramente saem de moda, tendo um público cativo que busca nele descobrir mais sobre as personalidades de destaque, seus segredos, seu lado mais "humano". Contudo, parece que nos últimos anos, esse tipo de gênero vem ganhando mais destaque, biografias e autobiografias parecem terem se difundido pelos meios de comunicação, viraram livros, filmes, minisséries etc. Toda essa difusão chegou à historiografia, a biografia voltou a ser de grande importância no campo historiográfico, talvez até por esse mercado tão grande que o abrange.

Benito Bisso Schmidt afirma que a relação da biografia com a historiografia foi durante muito tempo, bem tensa; desde a antiguidade, mas a conjuntura política da Grécia do século V não favoreceu a produção biográfica, enquanto que outros contextos vieram a favorecê-la da Antiguidade a Idade Moderna, quando se buscava exaltar um indivíduo ou torná-lo exemplo, dando lugar também à imaginação na criação daqueles "heróis" ou "vilões" (Cf.: SCHMIDT, 2012, p. 187-189).

A contemporaneidade veio para quebrar com todo esse prestígio dado as biografias, dando ao coletivo o protagonismo nas ações humanas, a exemplo disso o mesmo autor nos apresenta o exemplo tanto dos marxistas como dos positivistas, assim como da Escola dos *Annales,* a mudança desse paradigma só vem ocorrer de fato na terceira geração dos *Annales,* quando os pesquisadores passam também a tratar o biografado como um exemplo de sua classe, gênero, raça geração, região, religião, nação, entre outras coisas, dando a seus objetos de estudo um caráter de indivíduo-sociedade, buscando explicar a sociedade pelo indivíduo.

O modo e o motivo de se fazer a biografia de uma pessoa, o que pode ser explicado a partir dele ou dela e o que ele ou ela teria feito de especial para ser biografado, o próprio exemplo que pretendemos analisar nesse trabalho, Dulce Chacon, pode demonstrar as mudanças ocorridas no campo historiográfico, as quais possibilitaram um estudo sobre a mesma, as conquistas feministas, como também dos/as historiadores/as das mulheres como nos conta Joan Scott:

> A conexão entre a história das mulheres e a política é ao mesmo tempo óbvia e complexa. Em uma das narrativas convencionais das origens deste campo, a política é o ponto de partida. Esses relatos situam a origem do campo na década de 1960, quando as ativistas feministas reivindicaram uma história que estabelecesse heroínas, prova da atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e a inspiração pra a ação (1992, p. 66).

A segunda onda feminista[2] buscou mudanças em relação à invisibilidade das mulheres na historiografia, a história das mulheres surge desse movimento durante os anos de 1960, que buscou demonstrar a atuação das mulheres na história, e durante mais de uma década anda em conjunto ao movimento só vindo a se distanciar realmente da política na década de 1980 com o seu desvio para o gênero (Cf.: SCOTT, 1992, p. 66).

[2] São tratadas como três as ondas feministas, a primeira no final do século XIX e inicio do XX, a segunda na década de 1960 e a terceira na década de 1990, cada qual com suas especificidades e reinvindicações.

A história das mulheres surge quase como uma tentativa de contrapartida daquela história do “homem”, que apresentava o ser humano universal como o homem branco, criando um desconforto nos produtores de história, e em toda a disciplina ao colocar em xeque essa definição. Joan Scott afirma que, o/a historiador/a das mulheres, possui em sua atuação tanto profissional quanto pessoal, uma questão que é essencialmente política (Cf.: SCOTT, 1992, p. 98).

Compreendermos que, Dulce Chacon é produto disso, a busca pela sua biografia se faz possível por todas as mudanças ocorridas nos campos históricos, às mudanças no gênero biográfico, seu distanciamento dos grandes políticos, dos exemplos eixados por ela, como das lutas feministas que possibilitaram a inserção das mulheres na história, deram voz ao sexo feminino, que por muito tempo foi esquecido pela história dos “homens”.

O não feminismo de Dulce Chacon

Inicialmente, trazemos aqui, como algumas mudanças das últimas décadas do século XIX foram de grande impacto na construção de uma nova sociedade gerada no século XX.

> Nas duas últimas décadas do século XIX, o processo de modernização transformou a paisagem e o estilo de vida dos habitantes dos principais centros urbanos do Brasil. As artes, a moda, a arquitetura, a etiqueta, entre tantos outros aspectos, buscaram novas linguagens para traduzir as mudanças trazidas pelas novas técnicas (AMARAL, 2011, p. 3).

Toda essa modernidade se fez presente na cidade do Recife no início do século XX. Temos como um dos principais marcos ou representantes, as mudanças físicas empreendidas pela arquitetura. Todas essas transformações vêm a modificar o modo como se davam as relações humanas, modificar completamente o papel das mulheres na vida social.

> Tal fenômeno resultou em diversas mudanças nos comportamentos e nas mentalidades da sociedade – especialmente ao sexo feminino. Pois, a vida urbana proporcionou maiores possibilidades para a influência dos

> meios de comunicação social sobre a vida no lar, oferecendo assim, maiores oportunidades de lazer, através dos clubes recreativos, salões de dança, teatros e cinemas; de atuação social, através das associações civis e religiosas; e até de trabalho, concentrado principalmente nos estabelecimentos escolares e comerciais (AMARAL, 2011, p. 3).

Nesse momento os movimentos em favor da mulher, já estão de certo modo "estabelecidos"[3], eles existiam e já tinham sua força reconhecida, mas Dulce Chacon não se via como uma:

> Recebendo tanta prova de carinho apesar de nunca ter sido feminista (nunca teria sentido para mim) orgulho-me de ser mulher, de ser feminina, de ter cumprido, prioritariamente, os meus deveres de, filha, irmã, esposa e mãe. E dona de casa sem deixar de adorar viagens, cinema, balé, teatro, televisão e principalmente ler, escrever e conversar. E possuir grandes amigos. E ser, PROFESSORA (CHACON, 1983, p. 24).

Mesmo tendo plena consciência de todo o machismo que iria marcar sua vida, que dificultava as tentativas de uma mulher vencer num mundo marcado pelo ser masculino: "Fiquei jovem ainda, preparada para as eventualidades que a vida me reservaria num mundo cheio de preconceitos em torno da mulher que procura, corajosa e, às vezes heroicamente, libertar-se do ranço paternalista e do machismo herdado dos nossos antepassados" (CHACON, 1983, p. 20).

Aqui, notamos que as ideias de Dulce Chacon em relação a si mesma e em relação a outras mulheres podem ser descritas como feministas, pois a busca pela emancipação econômica e social das mulheres é um exemplo disso. A sua ideia do não feminismo pode estar atrelada a algum tipo de feminismo radical, que chegou a ela e que o rejeitava:

> Nos anos 1960, um feminismo exemplificado por Betty Friedman foi muito radical para as pessoas como Dulce ou Edwiges. O direito ao aborto, também não entrou no pensamento delas, mas elas estavam a favor da descriminalização do aborto. Elas não foram contra os homens e, conforme a experiência de Dulce, muitos homens ajudaram

[3] Com uma militância estabelecida, associações, clubes etc.

> a melhorar a posição da mulher no Nordeste (AZEVEDO, 2009, p. 181).

Uma infância tumultuada

Nosso enredo começa em 8 de janeiro de 1906, quando nasce Maria Dulce Chacon de Albuquerque a primeira dos três filhos de Augusto Chacon e sua esposa, Helena Jurema. Sua infância transcorre normalmente, uma família de classe média, seu pai era médico e sua mãe sobrinha de viscondes. Contudo, uma tragédia marcou a sua vida e de toda sua família, quando tinha apenas sete anos de idade, seu tio Trajano Chacon, um jornalista e político, foi assassinado na noite de 11 de agosto de 1913; seu assassinato foi de cunho político, tal tragédia é o grande ponto de virada em sua infância, seu pai ficou profundamente marcado pelo assassinato de seu irmão e a posterior absolvição dos assassinos, essa revolta e dor o destruiu, a ponto de, pouco mais de um ano, após a morte de seu irmão ele vem a falecer em setembro de 1914.

As perdas tiveram grande impacto em Dulce e em sua forma de ver a vida, tendo sido criada em uma família tradicional na cidade do Recife; foi criada na tradição católica e a partir desses infortúnios passou a duvidar de tudo aquilo que a foi ensinado:

> Havia mesmo o céu? O que era, afinal, a morte? Desde aquele momento deixei de acreditar em Deus, em Cristo, em Nossa Senhora, nos Santos e nos Anjos. No espaço de um ano, a morte levara Trajano, papai e tio José para uma Casa de Saúde, para sempre como se morto fosse (CHACON, 1979, p. 439).

Chega até ser impensável acreditar que tais palavras, que esses pensamentos vieram daquela mesma mulher que até hoje é lembrada entre outras coisas, por toda sua diligência ao catolicismo.

A morte de seu pai mudou as condições de vida da jovem Dulce Chacon e de sua família, sua mãe agora passava ser uma viúva com três filhos para criar. Após a morte de seu pai, a figura masculina mais próxima que a jovem teve, foi do amigo de seu pai, Arthur Cavalcanti, ele continuava a visitar a casa mesmo depois da morte

de Augusto, tornando-se figura importante na vida de Dulce; Arthur foi um dos que mais estimularam o seu caminho de pelo mundo literário, sempre lhe dava bons livros que fomentavam a sua curiosidade e apreço pela leitura.

A estudante dedicada

Desde sua infância sempre foi bastante curiosa e ávida leitora, isso se refletiu na sua formação, frequentou o Colégio Eucarístico, administrado por um grupo de mulheres, fundado por Maria do Monte Carneiro Rodrigues Campello, tia avó da jovem Dulce, onde foi agraciada com a coroa de folhas douradas ao término dos estudos. Nessa instituição tornou-se mais próxima de sua tia-madrinha, Maria Luzia Chacon, irmã de seu pai, a aproximação fez com que a considerasse sua segunda mãe.

Após concluir os estudos primários, Dulce foi estudar na Escola Normal do Recife, onde conheceu as irmãs Edwiges de Sá Pereira e Nanette de Sá Pereira; apaixonou-se pelas aulas da professora Edwiges, passando a acompanha-la mais de perto, se tornando posteriormente sua secretária e engajando-se em sua luta pela melhoria da vida das mulheres na através da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), tanto no âmbito nacional como no regional.

Estudou na Escola Normal, por quatro anos, sendo o último dedicado ao Curso de Comércio, nessa mesma instituição. Nesse último ano ela viria a assinar um abaixo-assinado que sua tia-madrinha a tinha apresentado e pedido sua assinatura, defendendo um professor que estaria sendo perseguido pela direção da escola, o seu então diretor era Ulisses Pernambucano, e além de sua assinatura, sua tia também pediu para que Dulce conseguisse mais assinaturas para o abaixo-assinado, contudo a direção não gostou da situação, abrindo um inquérito para averiguar o ocorrido; a jovem foi chamada para prestar esclarecimentos e respondeu a tudo, assumindo ser sua a assinatura, ao contrário das outras pessoas que também assinaram o documento, umas dizendo não reconhecer a assinatura enquanto outras afirmam ter o assinado sob coação. Dulce foi considerada culpada e expulsa da escola, sendo a única pessoa a sofrer essa punição, poucos/as professores/as se opõem a decisão e a defendem, entre eles França Pereira e as

irmãs Edwiges e Nanette de Sá Pereira. O ocorrido continuou a reverberar durante muito tempo, Dulce se viu em um grande problema, percebeu que suas perspectivas de futuro estariam ameaçadas, pois compreendia que seu diploma era o principal modo de melhorar de vida, sem ter confiança em um possível casamento ou em qualquer herança. Além disso, passou a ser mal vista no meio que frequentava, chegando a ter inclusive fama de comunista, como a ela mesma descreve:

> Comecei, então, a ouvir diretas e indiretas de pseudos-amigos: "Você é um dedo cortado no magistério pernambucano". Profecia que, graças ao bom Deus, não se realizaria, pois cheguei por esforço próprio a galgar o ponto máximo do magistério primário. Nem tão pouco fui a "líder comunista", como imaginara outra pessoa, aliás, sacerdote, meu professor de História do Brasil. Já naquele tempo impingia-se a fama de comunista com o fim de prejudicar alguém (CHACON, 1979, p. 483).

Assim, expulsa da Escola Normal, aos 18 anos de idade, buscou concluir seu curso na Academia de Comércio, onde foi aceita e passou a fazer a estudar no turno noturno. Foi durante esse tempo na Academia de Comércio que a mesma começou a escrever para jornais, por meio da intervenção da escritora e poetisa Edna Leiro Gueiros; escrevendo para o *Jornal do Commercio*, prática essa (a de escrever para jornais) que será cultivada durante cerca de cinquenta anos.

Em 1925 concluiu o curso, sendo escolhida a oradora de sua turma, foi também laureada com a medalha de ouro na sua passagem pela Escola Normal Oficial de Pernambuco, na qual se diploma professora; foram várias as distinções e prêmios conquistados por Dulce Chacon enquanto estudante, demonstração do apreço e dedicação que a mesma tinha para a sua educação e, posteriormente para com a de outras crianças. Apesar de toda a complicação em torno do seu curso superior, sua dificuldade com a matemática e os números em geral; mesmo com todo o orgulho que sentia de seu diploma de Bacharel em Ciências Comerciais ela nunca chegou a utilizá-lo. Mais tarde, em 1958, Dulce Chacon, também fez um curso intensivo de psicologia na Faculdade de Filosofia do Recife, atual Faculdade Frassinetti do Recife - FAFIRE.

Dulce e Edwiges, a pupila e sua mestra

Dulce considerava Edwiges de Sá Pereira como sua terceira mãe, a presença de Edwiges foi muito importante na sua formação. Como afirmamos anteriormente, depois de se encantar as aulas de Edwiges e passar a ser sua secretária, os laços entre as duas se estreitaram, após a morte da mãe de Dulce e de seu irmão, Edwiges a convidou para morar com ela e com suas irmãs, Dulce passou a morar com sua mestra por algum tempo, antes de se casar. Enquanto isso frequentava aos encontros feministas e literários ocorridos na casa de Edwiges.

Podemos perceber a influência de Edwiges na participação tomada por Dulce na Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino, que acompanhou toda a mobilização pelo voto feminino em Pernambuco. Quando em 1934, nasce Vamireh Chacon, filho de Dulce e de seu marido Vicente, Edwiges é convidada pela sua pupila a ser madrinha de seu filho. Convite o qual aceitou e compôs um poema especialmente para o evento.

O casamento e a maternidade

Dulce Chacon e Vicente Pinto de Albuquerque Nascimento se conheceram enquanto estudavam na Academia de Comércio, sendo ele um dos grandes motivos para ela desculpar a Escola Normal pela injustiça cometida a sua pessoa:

> Importantíssima para mim, sem todos os aspectos, inclusive no afetivo, esta Academia de Comércio de Pernambuco, a da Rua Imperatriz, que continua na mesma faina no Cais José Mariano, embora em a amplitude de antigamente. Foi a maior prova da Misericórdia Divina, fazendo-me esquecer os medos da infância e a perdoa a grande injustiça da Escola Normal, diante de uma bênção maior, o encontro com o Amor, que me esposa muito querida e a mãe que sempre desejei ser, desde menininha (CHACON, 1979, p. 490).

Para Dulce tanto o seu casamento quanto o seu marido foram tudo aquilo que ela esperava, pois Vicente “foi esposo, companheiro, pai, irmão mais velho, toda uma família” (CHACON, 1983, p. 20). Ele era filho de senhor de engenho, um Albuquerque, família poderosa desde os tempos da colônia, depois que o engenho faliu, Vicente fez concurso público e passou a trabalhar para o Ministério da Fazenda

na inspetoria da Alfândega. Mesmo sendo de uma família tradicional, Vicente nunca se opôs ao feminismo, não nutrindo nenhum atrito com Edwiges de Sá Pereira, pelo contrário, a exemplo de sua esposa a admirava muito.

O casamento viria a dar o bem mais precioso que Dulce julgava ter recebido na vida, seu filho Vamireh Chacon, o qual durante um curto período foi confrade e conviveu com sua mãe na Academia Pernambucana de Letras, após ter assumido uma cadeira nessa instituição, até a morte da mesma. Quando falava sobre seu filho e marido, Dulce Chacon não economizava elogios:

> Procurei fazer Vicente feliz, nele não encontrei deslizes, nem distorções. E fui muito amada. Eu o vi e senti como o esposo ideal dos meus sonhos de adolescente com as mesmas afinidades e sua ausência tem sido para mim os juros que devo pagar pela felicidade que me deu ao lado de Vamireh, nosso filho que correspondeu às nossas esperanças com a exuberância de seu talento, inclinado para as coisas fascinantes do espírito: a literatura, o jornalismo, o magistério superior, a arte, a poesia, a beleza e o encanto que ele sabe encontrar em toda parte como escritos, ensaísta e professor que tem sabido ser, sob os mais diversos ângulos, nos livros, jornais e revistas em que descreve as viagens, faz as conferências e palestras, entrevista e é entrevistado (CHACON, 1983, p. 21).

Quando escreveu essas palavras, Dulce já estava viúva há alguns anos, vale a pena ressaltar como ela descreve sua solidão, como a aceita de bom grado, por toda a felicidade que lhe foi dada um dia. Também não podemos deixar de notar, toda a paixão com que ela relata os passos de seu filho, transbordando de orgulho do mesmo.

A professora-escritora

"Amo as crianças pela infância que não tive", Dulce Chacon faz essa afirmação em seu primeiro livro de memórias, *Medo de criança - Memórias* (1979); tal pensamento nos possibilita a compreender sua escolha profissional pela educação, uma vez que, mesmo tendo diploma superior em outra área, escolheu ser professora.

Ela iniciou sua carreira como professora aos 17 anos de idade, enquanto ainda era aluna da Escola Normal, dava aula a surdos, via na educação um modo de melhorar a vida das pessoas, tinha como missão de vida dar aula a crianças pobres da cidade do Recife. Após se formar, trabalhou durante 12 anos na Companhia de Caridade, comandada pelo Padre Venâncio de Melo, na Companhia Dulce passou a dar aulas para as crianças mais carentes da capital pernambucana, tal exemplo de dedicação e zelo fez com que o Padre Venâncio, no comando da escola a sensibilizasse ao ponto de reaproximá-la do catolicismo; também chegou a dar aulas no Grupo Escolar Frei Caneca, no bairro de Santo Amaro. Marcada em sua formação pelo catolicismo humanista durante o curso primário no Colégio Eucarístico, Dulce tentava passar tais experiências para as crianças. Ela também deu aulas particulares para os/as filhos/as da elite recifense, essas experiências fizeram dela transitar entre os dois extremos da capital pernambucana. Exerceu o papel de professora, coordenara e diretora nas diversas escolas que trabalhou. Trabalhou também no juizado de menores enquanto denunciava as péssimas condições que se encontravam as crianças.

É exatamente nesse contexto, com toda essa bagagem que Dulce ganhou notoriedade como escritora, suas maiores obras são voltadas a Pedagogia, mais precisamente a Psicopedagogia, escritos premiados voltados ao ensino e a psicologia infantil, como: *A criança do Recife e os seu problema* (1965), que ganhou o primeiro prêmio da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco e o segundo prêmio da Prefeitura do Recife; e *A criança e o Jogo* (1959), que levou o primeiro lugar na premiação da Secretaria de Educação e Cultura.

Suas obras a gabaritaram a entrar na Academia Pernambucana de Letras, assumindo a cadeira n. 7, que ficou vaga em 1958, após a morte de sua amiga e mestra Edwiges de Sá Pereira. Após a morte de Edwiges, a escritora e pedagoga Dulce Chacon se candidatou, eleita em 24 de novembro de 1959, tomando posse em 03 de maio de 1960. Em seus últimos anos de vida, viúva e longe do filho que tanto viajava, ela tinha na Academia Pernambucana de Letras, sua última família, suas reuniões e eventos a deixava ocupada e animada.

Referências

AZEVEDO, Ferdinand. Cristãs Feministas em Pernambuco 1930–1950: A Atuação de Edwiges de Sá Pereira, Dulce Chacon e Nair de Andrade. **Revista de Teologia e Ciência da Religião da UNICAP. Recife**, v. 8, n. 2, p. 167-190, 2009.

CHACON, Dulce. **Medo de criança**. Universidade Federal de Pernambuco, Editora Universitária, 1979.

CHACON, Dulce. **Coragem de professora**. Universidade Federal de Pernambuco, Editora Universitária, 1983.

AMARAL, Walter Valdevino do. "Um passado que não morre": Traços biográficos de Edwiges de Sá Pereira. **Revista Ágora**, Vitória, n. 13, p. 1-16, 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/agora/article/view/5044/3810>. Acesso em: 10 dez. 2018.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 187-205.

SCOTT, Joan W. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 65-98.